

# **Televisão e aprendizado: um estudo de caso sobre o uso da televisão por crianças da educação fundamental**

Raiane Livia Bezerra de Lima

## **Introdução**

Esta pesquisa teve como objetivo trazer reflexões sobre a influência da televisão na Educação e a relação desse meio de comunicação com o processo do aprendizado infantil, tendo como objeto de estudo a visão do público infantil sobre o que aprendem com a TV.

O avanço desse meio de comunicação, assim como a não passividade das crianças frente a este veículo, levantou o seguinte questionamento: De que maneira as crianças se relacionam com programas educativos? Foi realizado um estudo de caso com um grupo de crianças de 8 a 11 anos de idade, as quais cursavam 4º ano do Ensino fundamental I como meio de alcançarmos uma resposta a esta problemática. Embora seja um tema alvo de muitos estudos, ainda existem algumas discussões, conceitos extremistas com relação ao papel da televisão no processo de aprendizado das crianças seja ele moral, social ou escolar.

Acrescenta-se a essa pesquisa a preocupação de abordar o universo midiático de maneira equilibrada, fugindo a exaltação ou demonização da mídia.

Para atendermos aos objetivos propostos, primeiramente faremos uma exposição teórica dos estudos sobre Educomunicação e os aspectos constituintes desse campo teórico, tomando como principal base os conceitos de Ismar Soares (2011). Discutiremos a relação da televisão com a Educação partindo dos estudos de Maria Luiza Belloni (2001), dialogando a relação da criança com a mídia mediante os estudos de Ulla Carlson e Cecília Von Felitzen (1999) feitos através da ONU (Organização das Nações Unidas). Os métodos para as análises em resposta ao problema de pesquisa serão a produção de desenhos com base na metodologia aplicada por Rosália Duarte (2008) em estudos semelhantes.

## 1. Educomunicação

A gênese dos estudos em Educomunicação ocorreu por volta de 1980, quando já era utilizada por gestores culturais em práticas utilizadas na Europa denominadas de *Media Education* que, em uma tradução livre, significa educação para crítica dos meios de comunicação. Embora a prática tenha se espalhado por outros continentes, a Educomunicação deu-se de maneira mais intensa na América Latina, mediante o movimento denominado “Educação Popular” (SOARES, 2011).

Ismar Soares destaca que esse conjunto de ações desenvolvidas por entidades envolvidas com a *Media Education* tinham a proposta não apenas de discutir o impacto das audiências, mas a relação que os receptores estabeleciam com os meios de comunicação (SOARES, 2011).

Na década de 1990 várias ONGs e núcleos de extensão em universidades começaram a voltar seus estudos ligados a ações para Educação midiática. Um exemplo dos estudos em Educomunicação no ambiente acadêmico foram os realizados no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), no ano de 1999. Dentro do NCE surgiram várias discussões sobre a relevância de um profissional na área de Educomunicação na sociedade.

Após anos de discussão e amadurecimento do conceito, no ano de 2009 foi criada a Licenciatura em Educomunicação na Universidade de São Paulo (USP).

Em 2010, no interior da Paraíba, a Universidade Federal de Campina Grande inicia o Bacharelado em Educomunicação. Esse mais novo campo teórico promove um ecossistema de relações inclusivas, democráticas e criativas. Mas ainda enfrenta obstáculos tanto dentro do âmbito educacional, quanto no comunicacional que ainda prioriza uma perspectiva vertical entre emissor e receptor.

A Educomunicação possui um campo vasto de atuação, podendo transitar por várias áreas da Comunicação. Uma das áreas de intervenção educacionais é a Educação para a Comunicação. A mesma também já é constituída no campo pedagógico na formação de receptores críticos e autônomos, através de procedimentos de apropriação dos meios e linguagens midiáticas. Para que o diálogo entre a Educação e a Comunicação seja possível é preciso levar em consideração duas sentenças: a primeira afirma que a educação só torna-se “ação comunicativa”, quando reconhece a comunicação como fenômeno presente em todos os modos da formação humana. A Comunicação passa a ser adotada para emprestar identidade ao processo educativo qualificando-o, passando da “Educação bancária” para uma “Educação dialógica”. A segunda afirma que a toda a comunicação, enquanto produção simbólica, intercâmbio e transmissão de sentidos, é uma ação educativa (SOARES, 2011).

Consequentemente, essa tese defende a Comunicação como sendo essencialmente participativa dentro do espaço escolar, numa mediação compartilhada entre professor, recursos e processos de informação.

## **2. Televisão e Educação**

A nova geração está acostumada hoje a lidar com vários suportes tecnológicos ao mesmo tempo. Para Maria Luíza Belloni (2001), pensar sobre as mídias pelo ponto de vista da Educação é reconhecer que elas também são produtoras de cultura. A autora apresenta um termo denominado autodidaxia que identifica novos modos de aprender, muitos deles gerados pelos meios tecnológicos. É necessário entender como ela funciona, “para adequar métodos e estratégias de ensino; e assegurar que não se percam de vista as finalidades maiores da educação, ou seja, formar o cidadão competente para a vida em sociedade” (BELLONI, p. 5).

Maria da Graça Setton (2010) complementa este conceito sobre a cultura das mídias, mostrando que ela deve ser visto como um processo dentro dos atos de produção, divulgação da mensagem e a recepção daquilo que é produzido. Por isso é importante reconhecer que a mídia está ganhando espaço no quesito educação.

É importante enfatizar que as informações e os conhecimentos não são adquiridos unicamente nas relações face a face, com seus pais e professores, como era feito há mais ou menos sessenta anos. Esses novos conhecimentos são adquiridos de maneira não presencial, virtualmente a partir do uso frequente das novas tecnologias (SETTON, 2010, p.23 e 24).

O aprendizado das novas gerações se articula por meio de instituições tradicionais da educação – família e escola – unido aos ensinamentos das mensagens, linguagens e recursos midiáticos. Segundo Orofino (2005, p.17) o trabalho de educação para as mídias traz importantes contribuições para a necessidade da sociedade atual, pois a cultura midiática de hoje em dia tem causado muito excesso de informação e pouca formação.

Orofino ratifica a ideia de Paulo Freire sobre a pedagogia libertadora defendendo que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra (OROFINO, 2005, p.32). No mundo globalizado em que os meios de comunicação se tornam um dos principais agentes nesse processo, surge o desafio de como a Educação escolar pode se tornar mediadora diante do papel que as mídias desempenham hoje como principais veículos transmissores de mensagens seja ideológica, política ou social.

O papel da mediação escolar é o de não só induzir a leitura crítica dos meios, mas também de produção de resposta às mídias. No tocante às teorias das mediações estudadas por teóricos como Guillermo Orozco Gomez (1987), que tomam como ponto de partida as audiências. Refletir sobre as relações entre mídia e suas audiências, envolve considerar alguns fatores: as lógicas e contextos de produção, difusão e tecnologias, análise das mensagens, aos modos de recepção, apropriação ou recusa dos produtos da mídia.

Orozco Gomez (1987), um dos autores principais dos estudos de recepção televisiva, afirma que existem vários tipos de mediações, e sugere que estas mesmas se manifestem em diferentes formas de discurso vindas de várias fontes. Ele propõe um cenário denominado de múltiplas mediações. São elas: a individual, que lida com as dimensões cognitivas e subjetivas dos atores sociais; a situacional que considera os diferentes cenários onde ocorre a interação com a TV; a institucional que vai tratar da mediação dos sistemas estruturais sociais que estão em jogo. Destacando o papel desempenhado pela família, escola, cultura de bairro entre outras instituições; e enfim a vídeotecnológica, buscando por meio dessa, compreender a televisão como instituição social que não reproduz outras formas de mediações. Pois a televisão produz sua própria mediação, utilizando de recursos próprios e particulares para representação da realidade social. O papel da mídia-educação, portanto, é de mediadora entre mídias e o espaço educativo (GOMEZ 1987).

### **3. A criança e a mídia**

No processo de educação para a mídia, aprender a ouvir a criança é um passo importante para poder compreender o que ela deseja expressar em sua fala em relação a algo que chame a atenção dela. Vigotsky explica em sua obra o que chama de ‘formação social da mente’, que reconhece a importância de, em alguns momentos, valorizar mais a fala da criança do que suas ações.

Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. Às vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação (VYGOTSKY, 1991, p.21).

Diante do exposto percebemos que a fala é uma importante ferramenta no processo de raciocínio das crianças. Logo, é possível que em suas falas elas deem pista de como assimilam as informações obtidas através da mídia. Nesse sentido, a fala constitui-se uma importante ferramenta para a observação da relação entre a criança e a mídia.

O público infantil necessita de um cuidado maior, pois também tem direitos sobre o que é veiculado na programação televisiva. No entanto, o que vemos são crianças expostas a conteúdos adultos, e necessitadas de uma mediação por meio dos pais ou da escola, porém pouca importância é dada ao assunto (BELLONI, 2001).

Em uma pesquisa sobre os direitos da criança divulgada nos estudos da ONU sobre a criança e a mídia, realizada por Cecília Feilitzen Ulla Carlsson (1999), as questões colocadas sobre Educação para a mídia e participação estão diretamente ligadas aos direitos da criança<sup>1</sup> não apenas sobre a mídia, mas também na sociedade. Isso reafirma o direito de livre escolha que as crianças têm sobre o que querem ver dentro do que está sendo transmitido pelos veículos de comunicação. A ideia que norteia os estudos de mídia e infância é a participação infantil no meio midiático.

#### **4. Televisão e aprendizado: um diálogo possível**

Historicamente, a ideia que prevaleceu foi a de que o conhecimento científico só é adquirido no ambiente acadêmico e que valores eram obtidos apenas na família. Não há nenhuma oposição contra esses conceitos, mas outras possibilidades de aprendizado não podem ser descartadas. O que vem a ser o aprendizado? Como nós aprendemos? Quais as variáveis que contribuem para a formação e ou mudanças do que chamamos de conhecimento, como habilidades, memorização, valores, compreensão e crenças, entre outros processos da aprendizagem humana?

Pfrom Netto (2011, p. 11) apresenta a proposta de um modelo geral de representação do aprendizado, que caracteriza os modos principais como as pessoas aprendem, seja dentro do ambiente escolar, ou fora dele. São estes: por apropriação, imersão e transformação.

---

1 A criança terá direito à liberdade de expressão; este direito inclui a liberdade de procurar, receber e partilhar informação de todos os tipos, independentemente de fronteiras, seja oral, escrita ou impressa, na forma de arte ou através de qualquer outro meio de escolha da criança (Convenção da ONU sobre os direitos da criança e do adolescente, 1989 apud BELLONI, 2001, p.5).

A aprendizagem por apropriação é referente à primeira fase, a aquisição dos conhecimentos que é propriamente se apropriar deles. Aprender por imersão envolve o ambiente, trata-se de uma psicologia ambiental que acredita na influência do ambiente físico sobre o comportamento das pessoas. Tal maneira de aprendizagem traduz a necessidade de criar ambientes geradores de envolvimento cognitivo, social com muito mais estímulo, desafiador e enriquecedor. Por fim, Netto (2011) discorre acerca do aprendizado transformação. Nessa perspectiva o aprendiz é tomado como um ser pensante, e não um mero depósito de informações, ele é então conduzido a ser capaz de conduzir problemas, ser curioso, inovador, inventivo, e crítico. Afinal, aprender é transformar (NETTO, 2011).

A mídia-educação traz essa proposta de mediação, pois promove um diálogo entre o ambiente escolar com os meios de comunicação. Para Barbero (2006), o ambiente em que vivemos é informacional e agrega diversas formas de aprendizado, para além da escola e dos livros, com a maior presença da mídia. A mídia ocupa hoje um dos mais importantes papéis na Sociedade da Informação; nela a televisão e a internet são consideradas um dos principais meios por onde o conhecimento circula.

A criança chega à adolescência já com uma bagagem de 15 mil horas assistindo televisão e 350 mil comerciais contra menos de 11 mil horas passadas no ambiente escolar. Ela já ingressa na escola com essa primeira cultura em suas mentes (OROFINO, 2005). Contudo, mesmo com o advento das novas tecnologias, computadores, celulares, smartphones, tablet's, entre outros aparatos tecnológicos, a escola ainda compete com a tela da TV. Esse meio foi introduzido na sociedade e constitui-se então num objeto que pode ser orientado e transformado pelo conjunto de telespectadores. É uma questão de intervir no sentido do olhar, tal visão deve ser livre diante da televisão e das propostas transmitidas por ela.

## 5. Métodos e procedimentos

Com uma abordagem qualitativa a pesquisa em foco foi feita a partir do método de estudo de caso. Este procedimento recorre à abordagem intuitiva, derivado da observação participante. Márcia Duarte (2011) destaca o estudo de caso

como uma estratégia adotada quando se trata de responder questões do tipo, “como” e “por que”. A investigação ocorreu numa escola privada no interior da Paraíba, com um grupo de 20 crianças de 8 a 11 anos, alunas do 4º ano Fundamental. A pesquisa assumiu o objetivo de investigar como e de que maneira as crianças associam o seu aprendizado a televisão. Neste texto as identidades da instituição e dos alunos foram preservadas, levando em consideração que o mais relevante da pesquisa é a fala das crianças em resposta a questão da relação da TV com o aprendizado.

Para coleta dos dados, foram realizadas três reuniões dentro de uma semana, cada uma com uma hora de duração. O primeiro contato visou o conhecimento do grupo numa conversa livre com os participantes. Foram feitas perguntas sobre a relação deles com a televisão, se consumiam muitos ou poucos programas, se o que assistiam tinha sempre, ou esporadicamente, o acompanhamento de um adulto responsável. Feito isso, no próximo encontro partimos para o assunto da classificação dos conteúdos televisivos, buscando entender se os alunos sabiam identificar um programa educativo e o significado da classificação etária apresentada na televisão para cada programa.

Ao entrar em contato com o grupo a intenção era conhecer, em primeiro momento, a visão que as crianças tinham sobre aprendizagem através dos programas televisivos que elas costumavam assistir, bem como os conteúdos transmitidos na TV. O procedimento metodológico como estratégia de recolhimento das respostas foi a produção dos desenhos, buscando analisar o que as crianças pensam sobre o que aprendem com o conteúdo da televisão, interpretados através da produção de cada um. A proposta da tarefa era compreender como elas costumavam classificar o que elas assistiam, e se elas viam tal material como sendo educativo.

O procedimento seguiu o exemplo da pesquisa feita com crianças por Rosália Duarte no ano de 2004<sup>2</sup>, sobre a relação das crianças com a TV. Recolhidos os

---

2 Trata-se de uma pesquisa feita pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (GRUPEM), vinculado ao programa de pós-graduação da PUC-Rio, que teve apoio financeiro do Conselho Nacional de pesquisa de Desenvolvimento Científico Tecnológico (CNPq) e a parceria institucional da TVE/Rede Brasil, que tinha o objetivo de saber o que as crianças pensam sobre o que vêm na Tevé (DUARTE, 2008, p.9).



desenhos, achou-se por bem analisar o material produzido identificando duas abordagens dentro de cada desenho. Do grupo de 20 alunos apenas 18 se dispuseram a realizar a atividade. Dos 18 desenhos feitos, apenas 4 representaram um produto educativo, então consideramos analisar os seguintes aspectos: 1) conteúdo (desenhos de programas, ou personagens preferidos); 2) canal de veiculação (se o programa é veiculado em TV privada, ou educativa). A proposta da atividade, que era levar as crianças a desenharem sobre o conteúdo que costumavam assistir na televisão, teve o intuito de compreender como, e se elas costumavam classificar educativo o que assistiam na televisão. Os resultados a seguir apresentados foram construídos, portanto, no diálogo com as referências teóricas e metodológicas desse estudo e no olhar atento aos dizeres de nossas crianças e seu contexto.

## **6. A compreensão das crianças da TV como meio de aprendizagem**

Durante a organização dos materiais recebidos, percebeu-se que muitos tinham representações e percepções diferentes sobre como classificar educativas as programações que costumam assistir.

Pelo fato das atividades terem sido feitas na escola nota-se a influência do meio institucional em maior parte dos desenhos, como se estivessem comunicando o que entendem sobre o assunto dentro das regras específicas da escola. Percebeu-se uma busca representativa de “certo” ou “errado”, como se quisessem buscar a aprovação do professor, ou então uma busca de comunicar-se com o interlocutor. Essa influência mediadora, Duarte (2008) define como uma mediação institucional, ou seja, as instituições das quais esses sujeitos fazem parte constituem sua identidade e terminam servindo como filtro através dos quais as pessoas irão se relacionar com as informações.

### **6.1. Representatividade através dos desenhos**

No grupo de crianças analisados nesse trabalho, todas possuíam um ou mais aparelhos de televisão, a maioria possuía canais por assinatura. As que possuíam canais por assinatura em casa tinham acesso a um número maior de canais. Então essas crianças desenharam apenas os conteúdos transmitidos relacionados a canais de TV paga. Alguns desenhos também se destacaram pelo fato de

virem com a faixa de classificação que aparecem nos programas de televisão, indicando se são Livres ou com um indicativo de faixa-etária de idade. Como o exemplo de umas das imagens selecionadas abaixo. A seguir foram selecionadas 4 imagens como amostra geral dos materiais recolhidos. Os traços das figuras são claros, pelo fato de terem sido feitos à lápis. O restante do material será disponibilizado em anexo.



Figura 1: Desenho do Ben 10 (à esquerda), sua companheira e o vilão (à direita)

Fonte: Representação feita por Aluno 1, 9 anos.

O desenho do Ben 10 trata-se de um menino que, ao usar seu relógio chamado *Omnitrix*, tem o poder de transformar-se em diferentes formas alienígenas para combater os vilões. É veiculado pelo SBT, e não tem a classificação de um desenho especificamente educativo, carregando em seu conteúdo um caráter mais fictício. Porém é um desenho muito popular entre os meninos, por ser do gênero ação. A representação do Aluno 1, traz uma classificação livre da

animação. Em sua compreensão o Ben 10 tem um conteúdo permitido para o público infantil e de alguma forma lhe traduz algum tipo de aprendizado. O Ben 10, foi um dos programas mais populares entre os meninos, sendo um dos mais representados nos desenhos.



Figura 2: Desenho dos Backyardigans

Fonte: Feito pelo aluno 2, 9 anos

Os desenhos das crianças vieram acompanhados de curtas frases ou textos opinativos sobre o desenho escolhido. Tais enunciados apresentavam o que mais gostavam no programa e qual aprendizado recebiam destes. Desenhos de viés educativo foram alvo das representações da minoria do grupo, como o desenho dos Backyardigans, transmitido pela TV Cultura e também em TV privada. O desenho conta a história de cinco amigos que transformam suas brincadeiras no quintal em grandes aventuras, usando bastante a imaginação. A animação não foi uma das mais escolhidas, visto que é um conteúdo consumido mais por crianças de 4 a 6 anos, e dentro da turma os alunos já

eram de idade mais avançada. Entende-se que o critério para que o aluno desenhasse este programa se deu pelas conversas mediadas em sala de aula, nos encontros durante a pesquisa.

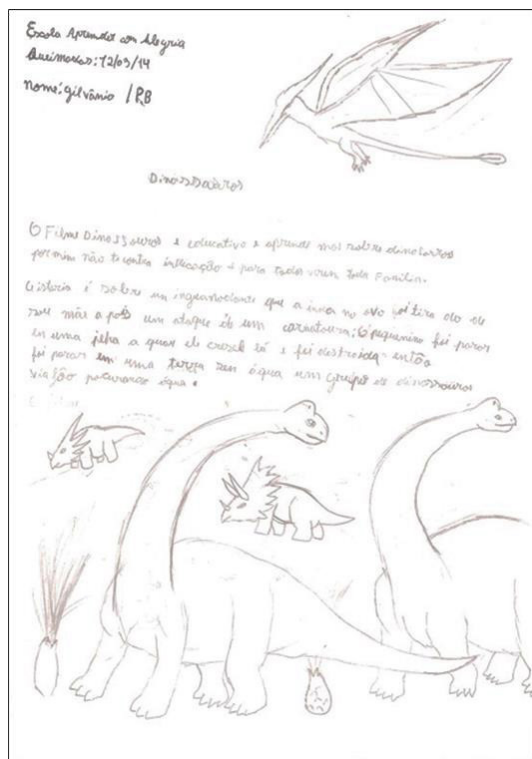


Figura 3: Dinossauro - O filme  
Fonte: Feito pela aluno 3, 9 anos

A influência do conteúdo que os alunos assistiam revelou habilidades artísticas dentro do grupo. O desenho apresentado pelo Aluno 3 mostra que o consumo de conteúdos televisivos o ajudou no desenvolvimento da arte de desenhar e também lhe acrescentou um conhecimento adicional sobre a história dos dinossauros. Dinossauro, o filme conta a história da jornada de um dinossauro em busca de outros componentes da sua espécie. Para o aluno, essa animação é educativa, mesmo que não seja veiculada por uma TV Educativa e nem tenha sido criada com intuito educacional, mas para ele significou algo para sua educação visto que lhe acrescentou muito em informação sobre o tema.



Figura 4: Desenho Do Bob Esponja

Fonte: Feito pelo aluno 3, 9 anos

Os desenhos mais populares tiveram maior destaque entre os alunos como o caso do desenho do Bob esponja. A história de uma esponja do mar, que tem como melhor amigo uma estrela do mar e um caracol de estimação, veiculado pela TV Globo. O Bob Esponja, embora criado em forma de animação, não tem especificamente um conteúdo voltado para crianças e nem exclusivamente educativos, apresentando em seus episódios muitos dilemas da vida adulta do personagem principal.

A atividade proposta não tinha por objetivo induzir as crianças a representarem apenas os programas televisivos que eram classificados como educativos. A intenção era deixá-los livres para exporem suas opiniões sobre a relação que tinham com conteúdos dos programas televisivos aos quais tivessem contato ou costume de assistir.

Através da conversa com o grupo algumas crianças expuseram seu interesse por programas adultos, inclusive filmes de terror, e essas mesmas crianças

não possuíam uma mediação presente por parte dos pais, nem por parte da escola. Uma mediação eficaz como citado nos conceitos em Educomunicação requer uma observação participante e não que apenas indiquem abordagens simples, como “certo” ou “errado”. A escola entra como uma agente nesse papel, pois ela pode utilizar-se das experiências das crianças com os conteúdos eletrônicos, sejam eles extraídos da TV ou outro meio, trabalhando de uma forma mais aprofundada.

A provocação que podemos deixar para próximos estudos é: os programas educativos não são atrativos para as crianças ou necessitam de uma ênfase por parte da escola e pais para que suscite interesse no público infantil? Nessa pesquisa o que pudemos analisar foi que as crianças se sentiam atraídas por algo de acordo com o gosto de cada uma. Afinal, na visão delas, a televisão tinha como função majoritária prover entretenimento, sendo que o conteúdo educativo era visto como algo secundário. O fato é que se os conteúdos televisivos não são apresentados como uma parte que pode ser levada para dentro da sala de aula como um acréscimo a educação formal, não surgirá o interesse de selecionar melhor aquilo que irão assistir em casa.

O conceito que as crianças têm sobre o que aprendem com a TV é uma reprodução do pensamento citado por Rosália Duarte (2008), de que é possível aprender muitas coisas com outros canais. Embora cada canal ensine de um modo diferente, muitas crianças afirmaram conseguir extrair aprendizado do conteúdo televisivo.

### **Considerações finais**

O foco deste trabalho foi elucidar algumas questões sobre a relação das crianças com a televisão e de que forma associavam esse meio ao seu próprio aprendizado. O que se pôde perceber através desta pesquisa foi que a televisão tem gerado formas de aprendizado, mesmo que de forma condicional. As crianças por muito tempo foram vistas como passivas frente às mídias e já ilustrou diversos argumentos tanto contra como a favor da audiência infantil. Num país em que milhões de pessoas veem televisão todos os dias, incluindo mesmo aquelas que estão abaixo da linha da pobreza e possuem pouco ou nenhum acesso a bens culturais e muito menos a uma educação de qualidade, é compreensível

que a TV tenha conquistado um considerável poder de penetração. Esta exerce influência na formação de opinião, crenças, valores e visão de mundo das pessoas que se envolvem com seu conteúdo, principalmente daquelas que tem ela como única fonte de informação e entretenimento.

Quando se trata dos meios de comunicação, no que diz respeito a sua inserção dentro do espaço escolar, vemos que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, embora já exista um diálogo aberto sobre esse tema. Dentro dos estudos de mídia-educação, a proibição do uso dos meios de comunicação no processo educacional já não cabe mais numa sociedade onde o digital e o tecnológico são cada vez mais presentes. Percebemos, através dessa pesquisa, a importância do profissional de educação agir como mediador no processo de ensino-aprendizagem, no diálogo entre as mídias e os alunos. A educomunicação enquanto linha teórica, tem como objetivo propor esse diálogo relacional aberto entre Educação e Comunicação, formando profissionais que são mediadores dentro da sociedade informacional.

## Referências

- BELLONI, Maria Luiza. *O que é Mídia-Educação: Polêmicas do nosso tempo*, Campinas, SP. Autores Associados, 2001.
- CARLSON, Ulla, FEILITZEN, Cecilia Von (Orgs.). *A Criança e a Mídia: Imagem, educação e participação*. São Paulo, Edit. Cortez, 1999.
- GOMEZ, Guillermo Orozco, Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. In. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, 4a edição. 1987.
- DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de Caso. In. DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, São Paulo, Atlas, 2011.
- DUARTE, Rosália (org.), *A televisão pelo olhar das crianças*. São Paulo, Edit. Cortez, 2008.
- GASKELL, George, BAUER, Martin W. *Pesquisa Qualitativa com Texto, imagem e Som: Um manual prático*. Petrópolis, RJ, Edit. Vozes, 2002.
- NETTO, Samuel Pfromm. *Telas que ensinam. Mídia e aprendizagem: do cinema às tecnologias digitais*. Campinas, SP. Edit. Alínea, 2011.
- OROFINO, Maria Isabel. *“Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade.”* São Paulo, Edit. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.
- SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*, São Paulo, Contexto, 2010.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação*. Contribuições para a representação do Ensino Médio. São Paulo, Edit. Paulinas, 2011.
- VYGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente*. Martins Fontes, 1998.

## Sobre a autora

**Raiane Lívia Bezerra de Lima** - Graduada em Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Já atuou como orientadora em oficinas de Comunicação em Escolas no Estado da Paraíba nos seguintes eixos: jornal escolar, histórias em quadrinhos e literatura de cordel. Atualmente cursa o 4º semestre de Jornalismo no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), Engenheiro Coelho/São Paulo. Email: raianelivia@hotmail.com